

ANÁLISE HISTÓRICA DA REGIÃO DO VALE DO PARAÍBA COMO ATRATIVO PARA A IMPLANTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE BASE (1930 - 1980)

Sandra Aparecida Nogueira de Oliveira Boffi¹, Fabio Ricci², Edson Aparecida de Araújo Querido Oliveira³

¹ Mestranda em Gestão e Desenvolvimento Regional - Universidade de Taubaté – Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 - Taubaté - SP - Brasil – sandra.boffi@uol.com.br

² Professor do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional - MGDR - Universidade de Taubaté – Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 - Taubaté - SP - Brasil - fabioricci@uol.com.br.

³ Orientador e Coordenador do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional - MGDR - Universidade de Taubaté –Rua Visconde do Rio Branco, 210 Centro - 12020-040 - Taubaté - SP - Brasil – edson@unitau.br

Resumo - A Região do Vale do Paraíba do Sul, formada pelos Municípios compreendidos entre Jacareí – estado de São Paulo e Volta Redonda – estado do Rio de Janeiro, representa uma região de grande destaque para formação da indústria de base do país. Esta região é caracterizada como de grande complexidade, resultado das diferenças espaciais existentes ao longo de sua extensão. Para o entendimento da formação das indústrias de base da região é necessário o conhecimento dos fatos históricos que levaram a esta disposição. Desta forma, o objetivo deste artigo é identificar e apresentar os principais fatores históricos no período compreendido entre 1930 e 1980 que contribuíram para a formação da indústria de base da região.

Palavras-chave: Indústrias de Base, Industrialização, Vale do Paraíba do Sul.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas.

Introdução

Para o entendimento da implantação da Indústria de Base no Vale do Paraíba do Sul torna-se necessário investigar o passado da região, enumerando os principais fatos históricos ocorridos no ambiente nacional e regional, assim como as alterações causadas e seus respectivos impactos.

No que tange ao ambiente nacional, os principais fatores facilitadores da industrialização brasileira são: a crise de 1930, responsável pelo avanço da industrialização no país; o governo de Getúlio Vargas e seu desafio em relação à indústria pesada; o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek, responsável pela consolidação do processo de substituição das importações e do planejamento estatal; a crise de 1962-1967; e o II PND (LACERDA et al. 2003).

O grande movimento da indústria e sua concentração nas diversas regiões tiveram início com a ascensão do Estado Novo, época em que ocorreu o início do deslocamento da riqueza e acumulação de capital para as indústrias. Tal alteração não decolou num primeiro momento devido à fraca dinâmica da economia nacional, mas começou a se modificar a partir de 1933, com a considerável expansão da produção industrial e início de seu dinamismo em relação à acumulação de capital na economia brasileira, conforme afirma Cano (1998).

Nessa época, o setor de bens de consumo não-durável, aliado, em menor escala, aos setores de bens intermediários, de bens de consumo durável e de capital, foram os principais vetores da indústria a se destacarem, pois puderam ser desenvolvidos em grande parte pelo capital nacional, por demandarem menores dimensões de plantas, menor densidade de capital e menor risco de investimento (CANO, 1998).

Quando se analisa as origens da formação das indústrias no país, a região que evidentemente se destaca é capital paulista. Ali se desenvolveu, com maior propriedade, a integração da economia brasileira com o comércio internacional “por meio da exportação de café, e o desenvolvimento de uma industrialização dependente” (RICCI, 2002, p.152). Neste contexto, as indústrias têxteis representam o primeiro setor de desenvolvimento industrial no país (RICCI, 2002).

O Nascimento da Indústria

Conforme a análise de Cardoso (1961), o surgimento dos primeiros focos da produção industrial começou a se manifestar no Brasil a partir de 1885, apoiados pelo surgimento do mercado de mão-de-obra assalariada, originada da imigração em massa, da abolição da escravatura e do desmantelamento das estruturas pré-capitalistas, da generalização da economia mercantil e da ampliação da divisão social do

trabalho. Até 1920, o coeficiente de industrialização no Brasil (produção industrial em relação ao produto total) ficou estabilizado em 20 por cento. Nessa época, essas atividades eram compreendidas somente como complemento do comércio exterior. A década de 20 marca o início de uma industrialização ainda tímida no país, conseqüência da Primeira Guerra Mundial e da política de substituição das importações.

Alguns fatos importantes no Ambiente Nacional (1930 a 1980)

Foi a partir da Grande Depressão de 1930 que a indústria brasileira se tornou o “principal fator de crescimento do país” (LACERDA *et al.* 2003, p.68). A crise, que atingiu a década de 1930, teve seu período definido entre 1929-1933, mas persistiu até o início da Segunda Guerra Mundial. Foi responsável pela especulação e quebra de Bolsa de Nova York, iniciando o “período mais instável do capitalismo” (LACERDA *et al.*, 2003, p.71), conforme apresenta a **Figura 1**.

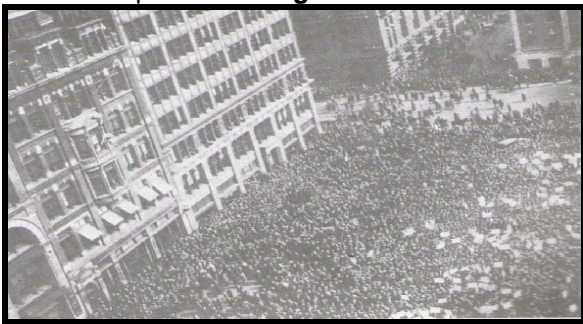


Figura 1 - Manifestação de desempregados diante da Bolsa de Valores de Nova York em 1930

No Brasil, a crise de 1930 levou ao fim a supremacia da economia agrário-exportadora e expandiu a economia urbano-industrial, intensificando o processo de industrialização no país. Começa a ser constituído o perfil do Estado capitalista brasileiro, que assumia uma postura intervencionista, como regulador das relações entre capital e trabalho, e adotava o papel de investidor do setor industrial, infra-estrutural e energético. (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992).

Em 1931 ocorreu a consolidação do setor urbano-industrial, conforme Ribeiro (1982). Em 1933, o setor mais importante da indústria era o de bens de consumo não-durável, seguido pelos setores de bens intermediários, de bens de consumo durável e pelo setor de bens de capital (CANO, 1998). Novembro de 1937 é marcado pelo golpe militar liderado pelo então Presidente Vargas, eleito em 1934, indiretamente. Esse período ficou conhecido como Estado Novo, quando o Estado passou a exercer a função de

indutor do desenvolvimento industrial (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992).

O período compreendido entre 1945 e 1953 foi marcado pela supervalorização cambial, favorecedora da acumulação industrial por propiciar a queda do valor dos equipamentos importados (CANO, 1998). Conforme Rodrigues, Santos e Oliveira (2002), o período compreendido entre 1930 e 1955 foi de transição. O Estado saiu de sua posição inicial para assumir sua forma acabada em termos do processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, de acordo com a política desenvolvimentista consolidada com o Plano de Metas, responsável por marcar o início do esforço em busca da industrialização.

No período de 1955 a 1969 foram implantados novos mecanismos de ação estatal, que tinham como meta estabelecida o desenvolvimento nacional pela priorização do setor industrial (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992). Foi durante o governo de Juscelino Kubitschek, caracterizado como governo desenvolvimentista, que a indústria, principalmente a automobilística, teve o grande impulso no processo de substituição de importações (CANO, 1998). O Plano de Metas para o planejamento estatal desenvolvido por Juscelino Kubitschek e implantado no período de 1956 a 1960, era composto de 31 metas. Foi considerado uma implementação de planejamento bem-sucedida, pois tornou possível, para o Estado, articular consideráveis investimentos privados de origem externa e interna, destinados à indústria automobilística, de construção naval e de construção aeronáutica (LACERDA *et al.*, 2003).

A crise de 1962 - 1967 foi a primeira grande crise industrial originada dentro dos limites do processo de substituição das importações. Em 1962 ocorreu a recessão prevista para 1963, devido à queda do nível de investimentos e ritmo industrial. Essa crise foi responsável pela desaceleração da economia brasileira, cujo PIB caiu à metade, se comparado ao período de 1956 a 1962 (LACERDA *et al.*, 2003). No período compreendido entre 1970 e 1980 houve o avanço do Planejamento Centralizador de Políticas Setoriais, quando os investimentos foram concentrados no setor de bens de produção da economia, com os Planos Nacionais de Desenvolvimento – PND I e II (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992).

O II Plano Nacional de Desenvolvimento – PND (1975 a 1979) foi financiado a partir de empréstimos externos consideráveis, e, conforme Lacerda *et al.* (2003, p.128), “tinha o objetivo de superar o próprio subdesenvolvimento do país, eliminando os estrangulamentos estruturais de nossa economia”.

O Vale do Paraíba

O Médio Vale do Paraíba do Sul está localizado na região Sudeste, a mais desenvolvida do país, e caracteriza-se por ser uma região de grande complexidade devido às inúmeras diferenças espaciais existentes ao longo de sua extensão. Os municípios de maior desenvolvimento estão localizados às margens da principal rodovia do país - Rodovia Presidente Dutra.

A região é composta de uma área de 16.268 km², distribuídos em 39 municípios. Possui uma população de 1.992.110 habitantes, conforme dados obtidos do IBGE com o Censo de 2000. A **Figura 2** tem por objetivo situar a Região do Vale do Paraíba dentro do Estado de São Paulo.

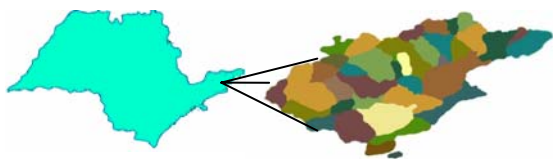


Figura 2 – Mapa do Vale do Paraíba

Pode-se denominar o ano de 1875 como o marco inicial para a instalação das indústrias no Vale do Paraíba, pois nesse ano foi concluída a ligação entre as principais capitais do país - São Paulo e Rio de Janeiro - com a finalização da Estrada de Ferro Central do Brasil.

Ricci (2002) defende a tese de que o desenvolvimento industrial no Vale do Paraíba é resultado da existência de principalmente dois fatores favoráveis: o primeiro é a continuação da produção do café por alguns municípios da região e adjacências, responsáveis por gerar disponibilidade de mão de obra, meios de transporte, infra-estrutura urbana e capital acumulado; o segundo caracteriza-se pela ligação ferroviária entre as duas principais capitais do país. A proximidade das capitais fez com que o Vale do Paraíba também se beneficiasse do desenvolvimento, só que com menor intensidade.

Na década de 20 destaca-se no Vale do Paraíba, conforme Costa (1987), a implementação, pela Prefeitura de São José dos Campos, de um decreto-lei que transferia incentivos fiscais e terrenos gratuitos para as indústrias que se instalassem com mais de 100 funcionários. Como consequência, em 1921, 1922 e 1925 foram instaladas a Fábrica de Louças Santo Eugênio, a Cerâmica Santa Lúcia e a Tecelagem Paraíba S/A. Ricci (2002) observou que, de 1920 a 1935, embora a população do Vale do Paraíba tivesse decrescido no geral, o processo de urbanização se mantinha crescente. Para Müller (1965), a população, principalmente urbana, foi propulsora de necessidades de consumo diversas, dependentes de produção industrial, o que, conseqüentemente, motivou a formação de um mercado de consumo interno.

A partir de 1930, seguindo o exemplo do restante do país, o Vale do Paraíba começou a passar por profundas alterações em sua economia, e o marco inicial foi a transferência da acumulação do setor agrário-exportador para o setor industrial. Com a instalação da Companhia Siderúrgica Nacional - CSN - em Volta Redonda, município do médio Vale do Paraíba Fluminense, foi dado impulso aos investimentos privados nas atividades referentes e derivadas do aço, como, por exemplo, nos ramos metal-mecânica, de metais não-ferrosos e de aços especiais. Esse foi o principal marco do desenvolvimento no Vale do Paraíba no período compreendido entre 1930 e 1955 (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992).

Na década de 40 observa-se o aparecimento da primeira diversificação industrial. Em São José dos Campos entram em funcionamento a Cerâmica Weiss S/A; Rhodia Indústria Química e Têxtil S/A; Fábrica de Produtos Alimentares Vigor S/A e a Indústria e Comércio do Café Ltda (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992).

A economia do país passou por grandes modificações na década de 50 e a partir de 1956 a industrialização foi intensificada, devido à entrada de investimentos de capitais externos e investimentos estatais, que instalaram um vasto conjunto de plantas industriais produtoras de bens de capital, de bens intermediários e de bens de consumo durável. Essa década representou para o Vale do Paraíba um momento significativo devido à construção da Rodovia Presidente Dutra; à criação do complexo tecnológico-industrial-aeroespacial na cidade de São José dos Campos; ao conjunto de iniciativas industriais federais, voltadas para os setores básicos da economia industrial; e à consolidação da política econômica recente do Brasil: o Plano de Metas (RODRIGUES, SANTOS e OLIVEIRA, 1992).

Silva (2005, p.78) afirma que no período compreendido entre 1934 e 1960 é possível notar o esvaziamento do campo e um aumento considerável da população urbana e que o crescimento industrial no Vale do Paraíba, após a década de 50, foi resultado “decorrente de sua inserção no processo de descentralização industrial da região metropolitana rumo ao interior”.

Conforme Silva (2005), no período compreendido entre 1956 e 1970 a indústria de grande destaque em relação ao valor da produção, no Vale do Paraíba, foi a de alimentos, substituída entre 1970 e 1980 pela de materiais de transporte e posteriormente pela indústria química. Na década de 70 destacam-se as mudanças mais significativas para a região: a descentralização industrial, responsável por grandes mudanças no processo de urbanização e por alterações nos setores de comércio de mercadorias, nas atividades sociais e nas atividades ligadas ao setor público. Em 1980, conforme Rodrigues,

Santos e Oliveira (1992) a indústria já havia passado por grandes mudanças, transformando o Vale do Paraíba em um importante espaço de produção.

O **Quadro 1** apresenta as Indústrias mais importantes que se instalaram na Região do Vale do Paraíba desde o início da sua industrialização até o ano de 1980, por ano de fundação e ramo de atividade.

Quadro 1 - Instalação das Indústrias no Vale do Paraíba.

Empresa	Ano	Ramo
Cia.Taubaté Industrial	1891	Têxtil
IMBEL	1909	Químico
Refinaria de Açúcar Irmãos Escada	1909	Alimentos
Fábrica Tecí	1914	Têxtil
Malharia N.S. da Conceição	1879	Textil
Bonádio S.A	1920	Cerâmica
Cerâmica Santa Cruz	1924	Cerâmica
Tecelagem Parahyba	1925	Têxtil
Cia.Fiação Lanificio Plástico	1927	Químico
Produtos Alim.Embaré	1930	Alimentos
Fábrica de Botões Corozita	1935	Vestuário
Frigorífico Cruzeiro	1939	Alimentos
Cerâmica Weiss	1942	Cerâmica
FNV (Fábrica Nacional de Vagões)	1943	Transportes
Fábrica de Papel N.S.Aparecida	1944	Químico
Rhodia	1946	Químico
Cia.Cícero Prado	1946	Químico (papel)
Produtos Alimentares Vigor	1950	Alimentos
Johnson & Johnson	1953	Químico
Tecelagem Madre de Deus	1953	Têxtil
Ind.Química Taubaté	1954	Químico
Plasbaté	1954	Químico
Ericsson	1955	Telecomunicações
Basf	1955	Químico
Mecânica Pesada	1955	Metalúrgico
Tecelagem e Fiação Kanebo	1956	Têxtil
Eaton	1957	Mecânica/Metalúrgica
Indústria de Óculos Vizion	1957	Ótica
Ford S.A do Brasil	1958	Metalúrgico/Mecânico
Mafersa	1958	Material Ferroviário
AISA	1959	Metalúrgico/Mecânico
Alpargatas	1960	Vestuário/Calçados
Textilquímica/	1961	Química
General Motors	1959	Automobilístico
Providro/ Grupo CEBRACE	1963	Vidreira
Schrade do Brasil	1964	Automobilístico
Amplimatic	1964	Equip. Eletrônicos
Avibrás	1965	Aeroespacial
Embrear	1969	Aeronáutica
Bandiy Tubing	1970	Mecânico
Kodak	1972	Químico
Volkswagen	1973	Automobilística
Philips	1973	Eletrônico
Metalúrgica Fiel	1973	Metalúrgico
Monsanto	1975	Químico
Kone	1976	Metalúrgico
Refinaria Henrique Lage-Petrobrás	1980	Químico

Fonte: Adaptado de Silva (2005).

Conclusão

A indústria surgiu no período final analisado, em função do processo de industrialização do país, privilegiando os investimentos na indústria de base a partir do Plano de Metas de Juscelino Kubitschek. Nessa fase vieram para o Vale do

Paraíba as indústrias: Mecânica Pesada, Volkswagen, Ericsson do Brasil S.A., Kodak e Ford S.A do Brasil, entre outras.

O capital estatal direto ou associado ao setor privado, via BNDE, já nos anos 70 foi responsável pela vinda de um maior número de empresas do setor, por investimentos estatais diretos, como a Embraer, Petrobrás, entre outras, ou via investimentos e financiamentos, como Confab, Villares e Liebherr, entre outras.

O objetivo deste artigo foi verificar os principais fatos históricos do Vale do Paraíba em relação a sua industrialização; uma inserção e exploração inicial do tema, mostrando que fatores de decisões externas à região foram determinantes para a formatação do mapa industrial local.

Referências Bibliográficas

CANO, W. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo.** São Paulo, Difel, 1977.

CANO, W. **Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil.** Campinas: Instituto de Economia/UNICAMP, 1998.

CARDOSO, F. H. **Condições sociais da industrialização.** Revista Brasiliense, São Paulo, n. 28, 1961.

COSTA, W. M. **O processo contemporâneo da industrialização.** São Paulo. USP. 1987.

FURTADO, C. **Pequena Introdução ao Desenvolvimento: Enfoque Interdisciplinar.** São Paulo, Editora Nacional, 1980.

HERRMANN, L. **Evolução da Estrutura Social de Guaratinguetá num Período de Trezentos Anos.** São Paulo, IPE/USP, 1986.

LACERDA, A. et al. **Economia Brasileira.** 2.ed. São Paulo, Saraiva, 2003.

RIBEIRO, M. A. M. **Taubaté e a Alternativa Industrial: 1891-1933.** Dissertação de Mestrado em História Social, São Paulo, FFLCH/USP, 1982.

MELLO, J. M.C. **O Capitalismo Tardio.** 8.ed. São Paulo, Brasiliense, 1990.

MÜLLER, N. L. **Taubaté-Estudo de Geografia Urbana.** in: Revista Brasileira de Geografia, São Paulo, ano XXVII, n.º 1, Jan-Mar/1965.

NEGRI, B. **A interiorização da indústria paulista 1920-1980.** In: Cano,W.(Org) **A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo.** Seade/Fecamp/Unicamp, 1988, vol. 1, n 2.

PASIN, J. L. **Os Fundamentos históricos da Industrialização no Vale do Paraíba.** (Estudo) 01 - 2001

<http://www.valedoparaiba.com/terragente/estudos/est0022001.html> acesso em janeiro/2006.